

OS DESAFIOS E AS POSSIBILIDADES DO USO DE CELULARES EM SALA DE AULA: REFLEXÕES DE UMA LICENCIANDA A PARTIR DOS ESTÁGIOS

Julia da Luz Benites Vargas ¹
Eliziane Da Silva Dávila ²
Sílvia Salbego Sagrilo ³

RESUMO

O artigo tem o objetivo de abordar os benefícios e desafios do uso de celulares, por parte dos alunos, em sala de aula, analisados e realizado sob a perspectiva de uma licencianda do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, a partir dos estágios supervisionados I e II. Buscando refletir sobre como a inclusão dessa tecnologia pode potencializar o aprendizado, facilitando o acesso a recursos digitais e estimulando a interatividade entre alunos e professores e, por outro lado, também discutir os desafios enfrentados, como a distração dos alunos e a dificuldade de gerenciamento do uso adequado dos dispositivos. A reflexão aponta para a importância de uma formação docente que prepare os professores para lidar com a tecnologia de forma consciente e estratégica, garantindo que os celulares sejam utilizados como aliados no ensino-aprendizagem, e não como obstáculos.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado II; Celulares; Desafios; Benefícios; Alunos

INTRODUÇÃO

Atualmente, o uso dos celulares, e demais aparelhos tecnológicos, se faz mais presente na nossa realidade, potencializando desde crianças de colo até idosos, sendo um tema muito polêmico entre profissionais da educação. A temática surgiu por meio de reflexões dadas às observações, realizadas no ano passado e neste, onde a mesma turma se mostrou mais participativa e interessada nas aulas, e esse foi um dos pontos que tomou a atenção. No ano passado, com outra professora e colegas, alguns se demonstraram muito desinteressados e o uso dos celulares era constante, sem exceção, assim como acontecimentos que chamavam a atenção de forma negativa, isso era um fator que parecia incomodar a professora, porém, não era feito nada para mudar a situação.

Já neste ano, a nova professora colocou a regra do uso dos celulares em vigência, ou seja, estava proibido o uso dos aparelhos sem o consentimento da mesma, então, ao entrar em sala de aula para observar e notar que eram os mesmos alunos houve uma grata surpresa, eles estão mais interessados nos conteúdos, sem distrações, além das conversas, e ativos na

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal Farroupilha – Campus São Vicente do Sul - IFFar, juliavargas33@yahoo.com ;

² Professora orientadora do PIBID - Doutora, docente do IFFar - SVS, eliziane.davila@iffarroupilha.edu.br ;

³ Graduada Licenciatura em Ciências de 1º grau da Universidade da Região da Campanha de Alegrete - RS, silvia-ssagrilo@educar.rs.gov.br ;



comunicação com a professora, assim, me fez refletir o que tinha mudado de um ano para o outro e foram diversos pontos, mas, principalmente a questão do uso do celular em sala de aula, ele pode beneficiar ou prejudicar o ensino e aprendizagem dos alunos?, essa é umas questões que pensamos ao entrar em uma sala de aula, deve-se proibir ou deixar que os alunos tenham a responsabilidade por ele?; A resposta é que deve-se ter um equilíbrio, o uso das tecnologias em sala de aula é importante para abranger o aluno, o introduzir e facilitar o acesso a conteúdos mais ilustrativos, com o uso de vídeos, imagens e demais ferramentas, que facilitam a observação desses alunos. Porém, o acesso sem moderação faz com que as distrações, a introdução a informações falsas ou incompletas, entrada em sites inapropriados para suas idades, e demais fatores que o acesso a internet possibilita, aumentem e afetem a aprendizagem desses alunos.

Segundo Cortella (2014, p.40) “É preciso ponderar também que a tecnologia afeta o aprendizado tanto positiva quanto negativamente. As novas gerações, aqueles que têm menos de 18 anos, voltaram a escrever, como já refletimos. É uma coisa inédita nos últimos 30 anos e bastante positiva. Por outro lado, as novas tecnologias têm um aspecto perigoso: por permitir um acesso veloz, elas dispersam a atenção”. Outros pontos negativos desse acesso absoluto é a “abdução” dos seres humanos nos seus celulares, ou seja, a falta de integração das pessoas durante o uso de celulares, além de estar sendo visto como um problema fenomenológico, com vista do crescente número de problemas relacionados à falta de socialização, a falta de diálogo familiar, o desinteresse por parte dos investigados em uma vida social mais ativa, com brincadeiras ao ar livre e prática de esportes, assim, podendo desenvolver um quadro de sedentarismo no futuro, como Kenski (2010, p. 21) abordou “As tecnologias transformam suas maneiras de pensar, sentir e agir. Mudam também suas formas de se comunicar e de adquirir conhecimentos”.

Em escolas, o impacto da falta de interação entre os alunos, o aumento das distrações constantes, queda no rendimento escolar e as desigualdades sociais, vem aumentando com o passar dos anos e a evolução desses aparelhos; além da busca de informações de forma imediata em sites, vídeos, matérias, entre outros métodos, que não apresentam um fundo científico provando a realidade do que está escrito/falado, a fim de terminar essa tarefa ou trabalho mais rápido possível, auxiliando na desvalorização do professor.



METODOLOGIA

A metodologia consistiu em dois momentos: a aplicação da regra do uso de celulares em sala de aula e a realização de um questionário sobre esse uso com os demais professores da escola Guilhermina. A primeira parte constou em: manter a regra da professora regente, assim, não permitindo o uso dos celulares durante as aulas, a menos que houvesse alguma atividade que necessitasse do aparelho. Além de promover atividades e metodologias que chamem a atenção.

Na minha percepção, a realização do plano espantosamente funcionou desde o primeiro dia de aula com o oitavo ano, onde foi proposto a eles e todos a seguiram. Essa proposta melhorou a relação entre professor e aluno, proporcionando diálogo e conhecimento. Já o questionário foi feito por meio da ferramenta Google Forms e enviado aos professores, consistia em duas questões descritivas e cinco objetivas, onde buscava-se saber a opinião dos professores sobre o uso dos celulares em sala de aula e como os alunos se portavam ao utilizá-los. As questões feitas foram as seguintes: Como você vê o impacto do celular na disciplina e na dinâmica da sala de aula?; Na sua opinião, quais são os principais desafios do uso de celulares em sala de aula?; e logo as perguntas com níveis de concordância: Qual é o seu nível de concordância com as questões abaixo sobre o uso de celulares em sala de aula; Como você vê o uso de celulares pelos alunos durante as aulas?; Você acredita que o celular pode ser uma ferramenta educacional?; Você acha que o uso de celulares pode ajudar na concentração ou na organização dos alunos?; Você acredita que o uso excessivo do celular pode ser prejudicial para a interação social dos alunos em sala?; Na sua opinião, é necessário haver uma regulamentação específica para o uso de celulares nas escolas?

REFERENCIAL TEÓRICO

O uso de celulares dentro da sala de aula se faz mais presente com a evolução dos aparelhos e se tornado um tema amplamente debatido na educação contemporânea, devido à crescente presença dos aparelhos no cotidiano de alunos e professores.

Poucas inovações tecnológicas provocaram tantas mudanças em tão pouco tempo na sociedade como as novas tecnologias de informação e comunicação – TIC. Dentro dessas mudanças está incluída a educação. Novas maneiras de pensar e conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da



informática (LÉVY, 1998, p.24).

As tecnologias móveis oferecem uma ampla gama de possibilidades pedagógicas, como o acesso à informações, uso de aplicativos educacionais, acesso a artigos e livros em outras línguas e a facilitação na comunicação com diferentes pessoas.

O uso de ferramentas tecnológicas no processo ensino-aprendizagem é importante para fomentar os recursos didáticos, auxiliar na inclusão digital, além de possibilitar o compartilhamento de informações e experiências entre os educandos. (CASTELLS, 2000 p. 57)

No entanto, também provocam preocupações, como a distração, a dependência tecnológica, a desigualdade ao acesso de recursos e até mesmo consequências físicas, como inflamações no pescoço, ombros, entre outros; em pessoas muito novas. Esses desafios reforçam a necessidade de discutir o papel do celular no ambiente escolar.

Em 2011, foi proposto o Projeto de Lei no 2.806, com a autoria do Deputado Márcio Macêdo, onde se debateu a “proibição do uso de aparelhos eletrônicos portáteis nas salas de aula dos estabelecimentos de educação básica e superior”, essa proibição só teria a exceção em casos de utilização, desenvolvimento ou pesquisas a fim educativo. O projeto de lei tramitou na Câmara dos Deputados e foi rejeitado em 2014, pela relatora da comissão de educação, deputada Fátima Bezerra, sob o argumento:

"... que no ambiente das escolas, as regras de civilidade e de boa convivência sejam discutidas e acordadas a partir do regimento interno de cada instituição, com a participação do conselho escolar, dos pais, dos alunos e dos educadores. Todos têm a ganhar com esse processo educativo, se considerarmos que é dever da escola formar cidadãos cientes dos seus direitos, mas também atentos aos seus deveres e ao respeito aos direitos do outro."

Essa decisão ressalta a importância da abordagem educacional participativa e contextualizada, em vez de uma regularização uniformizada e restrita a todas as escolas. A relatora debate que as escolas possuem a capacidade e a responsabilidade de criar suas próprias normas internas, promovendo o diálogo entre os demais agentes da comunidade escolar. A rejeição do projeto também foi responsável pela abertura dos debates sobre o uso das tecnologias no ambiente escolar, sem enxergar esses aparelhos em duas pontas extremas (o herói ou o vilão da aprendizagem), essa discussão passou a incluir mais possibilidades pedagógicas e o papel no desenvolvimento de competências digitais.

A ascensão das tecnologias no ambiente escolar desafiou os professores contemporâneos a potencializar os seus processos de ensino, assim, fazendo com que novas



metodologias fossem exploradas, por exemplo, o uso de jogos online para revisar conteúdos ou aplicativos com contexto educacional que possibilitem a interação da turma entre si e a aprendizagem, como apontou Coscarelli (2016, p.56) “o uso pedagógico das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação favorecem as interações na medida que cria ambientes de aprendizagem mais dinâmico e mais democrático do que a sala de aula convencional, favorecendo a aprendizagem colaborativa”. Essas propostas podem incluir atividades construtivistas, comportamentais ou colaborativas, se configurando um elemento importante na aprendizagem dos alunos, conforme defende Oliveira (1993) “o desenvolvimento cognitivo do aluno se dá por meio da interação social, ou seja, de sua interação com o meio e esta é mediada pelos símbolos ao seu redor, caracterizada pelos seus pares e objetos, isto é, colegas, professores e mais atual as ferramentas tecnológicas”.

Em conjunto com as diversas metodologias que podem ser adotadas pelo professor com o uso das TDICS em sala de aula, podem surgir diversos desafios. Em uma pesquisa feita em 2012 por Lima, foram entrevistados vinte seis professores e perguntado sobre a questão do uso de celulares como recurso didático, a resposta foi que a “a maioria dos professores não utiliza celular como recurso didático, pois acha que os alunos irão se dispersar”. É possível observar que:

De acordo com os dados analisados, embora existam regulamentações escolares que proíbam o uso de celulares, os professores têm autonomia para decidir sobre as regras em sala de aula. Muitos permitem o uso dos aparelhos como forma de entretenimento após as atividades, enquanto os estudantes frequentemente transgridem as normas devido ao tédio ou ao desejo de acessar redes sociais e informações online. Essa prática pode resultar em distrações, problemas de privacidade e atitudes antiéticas, como o uso de "cola" em provas. Diante disso, sugere-se que as escolas vejam a situação como uma oportunidade para promover o uso consciente da tecnologia, negociando regras e incentivando um aprendizado mais colaborativo e interessante (Nagumo, 2014).

Nesse sentido, o pesquisador aborda, através da análise, que a justificativa dos professores “à dispersão dos alunos” está ligada a uma questão de falta de disciplina, conscientização, diálogo e da negociação entre os alunos e professores. Além disso, o fator de gerenciamento do mau uso das tecnologias é um ponto que pode estar presente na sala de aula, o uso de câmeras para tirar fotos, gravações (vídeos e áudios), produção de montagens, entre outros; que podem acarretar em situações mais sérias como o bullying/cyberbullying e o assédio.



Conforme o IBGE (2015), o aumento do uso de celulares é um canal para o crescimento dos casos de cyberbullying. Em 2013, apenas 23,3% da juventude não utilizava celulares, comparando com os 75,2% dos habitantes do país que possuíam um. No contexto escolar, para Silva et al.,(2023), o acesso à internet na escola é uma forma de propagação da violência.

Tudo que se publica nas mídias sociais se espalha rapidamente, tendo em vista que a internet avança sempre, e a era digital está sempre se renovando e criando novas formas de se comunicar. Nesse contexto tecnológico, o cyberbullying alcança pessoas do mundo todo, facilitando assim o compartilhamento e a perpetuação das agressões nos meios digitais. Outro desafio é a desigualdade social, cada dia mais presente no cotidiano das cidades. Esse problema reflete - se diretamente ao uso de celulares em sala de aula, pois, evidencia as disparidades no acesso à tecnologias entre os estudantes, enquanto alguns alunos possuem dispositivos mais modernos e com conexão à internet, outros podem possuir aparelhos mais antigos ou a falta do aparelho, essa disparidade pode gerar a exclusão digital e social no ambiente educacional, dificultando a participação desse estudante a atividades que dependam diretamente do uso de aparelhos, para Spagnolo (2003), a exclusão digital é o termo utilizado para sintetizar todo um contexto que impede a maior parte das pessoas de participar dos benefícios das novas tecnologias de informação. Já a inclusão digital consiste no processo de democratização do acesso às novas tecnologias e melhores condições de vida a todos os cidadãos, possibilitando a estes se inserirem na sociedade informacional.

A inclusão digital é uma faceta particular das questões de inclusão social, não se podendo empreender a primeira na ausência da segunda. Por outro lado, a inclusão (digital ou social) é par da exclusão (idem), sendo a própria exclusão social uma manifestação particular das desigualdades sociais, sobretudo das desigualdades que se expressam sob o rótulo da pobreza. (Santos,2006, p. 15)

Com o passar dos anos surgiram várias propostas de legislações para a proibição da entrada de aparelhos celulares em ambiente escolar, mais precisamente, entre os anos de 2016 e 2017, assim, fazendo com que a evolução da mentalidade das escolas se retraísse e concebendo a sala de aula como somente um espaço onde estudantes vão para se portarem de forma passiva, ou, como Freire denominou: educação bancária, na qual o conhecimento se dá sem a participação ativa de seus sujeitos. "... ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção" (FREIRE, 2003, p. 47).



Essa onda de propostas legislativas refletiu em uma visão predominantemente de que os celulares seriam somente formas de distrações, comprometendo a disciplina e aprendizado, assim, ao adotar uma postura proibitiva, essas medidas desconsideraram o potencial pedagógico dos dispositivos móveis, que já começaram a ser explorados em metodologias educacionais mais inovadoras. Além disso, ao tentar solucionar o problema por meio da restrição, deixa-se de lado a oportunidade de educar os estudantes para o uso responsável da tecnologia, uma habilidade cada vez mais necessária no mundo conectado.

Essa abordagem gerou debates importantes sobre o papel da escola como mediadora na relação dos jovens com a tecnologia, levantando questionamentos sobre como equilibrar disciplina e inovação. O equilíbrio é o ponto principal desse debate, os professores devem buscar estratégias que integrem a tecnologia e o aprendizado, sem comprometer a atenção e compreensão dos alunos.

“É preciso ponderar também que a tecnologia afeta o aprendizado tanto positiva quanto negativamente. As novas gerações, aqueles que têm menos de 18 anos, voltaram a escrever, como já refletimos. É uma coisa inédita nos últimos 30 anos e bastante positiva. Por outro lado, as novas tecnologias têm um aspecto desafiador: por permitir um acesso veloz, elas dispersam a atenção”. (CORTELLA, 2014, p.40)

Outro fator polêmico é a discussão se o professor deve mudar totalmente a sua maneira de dar aula para se adequar às novas tecnologias ou as tecnologias devem servir como um suporte às metodologias tradicionais. Esse dilema reflete as diferentes perspectivas sobre o papel das tecnologias no processo de ensino - aprendizagem. Cortella (2014, p.40) cita que “ Não é verdade que é obrigatório o uso de plataformas digitais no cotidiano da Escola como única forma de melhoria do trabalho. Um trabalho será bem-feito se se souber fazê-lo. Pode ser bem-feito sem computadores. E pode ser mais bem feito ainda com os computadores.”, o professor não precisa, muito menos obrigado, a mudar totalmente a sua forma de dar uma aula só porque os alunos usam seus celulares e computadores, somente se ele quiser introduzir novas metodologias ao seu currículo. O desafio é encontrar um meio-termo, onde o uso de novas tecnologias não descaracterize o papel central do professor como mediador do conhecimento, mas enriqueça sua prática, tornando-a mais interativa e alinhada às demandas do século XXI.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, serão apresentados os resultados obtidos a partir da análise dos dados coletados, onde poucos professores se disponibilizaram a responder. Porém, houve opiniões bem diversas sobre o tema, refletindo diferentes perspectivas sobre o uso de aparelhos celulares em sala de aula. As respostas foram categorizadas de acordo com os níveis de concordância ou discordância em relação às questões propostas, destacando os principais pontos de consenso e divergência entre os participantes. Apesar da baixa adesão, os dados fornecem insights importantes, uma vez que representam experiências e visões variadas dentro do contexto educacional. Através da convergência tecnológica, que permitiu agregar sistemas de informática, comunicação e computação, o telefone celular se transformou em um uma central multimídia computadorizada (ANTONIO, 2010). Assim, o aparelho vem sendo reconhecido também como objeto de aprendizagem (TAROUCO et al., 2004) devido a vários recursos disponíveis a partir de uma única tecnologia.

Sobre o impacto da utilização dos aparelhos na dinâmica da sala de aula, as opiniões dos professores sobre o uso de celulares na sala de aula revelam perspectivas variadas, destacando tanto os desafios quanto às possibilidades dessa prática. Enquanto alguns apontam que os dispositivos “acabam dispersando muito os alunos, dificultando a concentração na sala de aula”, outros reconhecem que os celulares podem ser ferramentas úteis, mas enfatizam a falta de conscientização entre os adolescentes, que muitas vezes não possuem discernimento para utilizar a forma produtiva. Por outro lado, há relatos de que, em escolas onde o uso de celulares é regulado por normas de convivência, as aulas transcorrem de maneira tranquila, sem grandes transtornos ou impactos negativos. Essas respostas refletem a complexidade do tema e a necessidade de estratégias claras para equilibrar os benefícios tecnológicos com a manutenção de um ambiente educacional focado, de acordo com Paulo Freire e Sérgio Guimarães (2011) o uso e a interferência dos meios de comunicação no dia a dia de alunos e professores não é uma questão nova. Contudo, é evidente a existência de uma nova dinâmica nessa relação no universo das tecnologias digitais.

Os principais desafios relacionados ao uso de celulares em sala de aula, conforme apontado pelos professores, envolvem tanto a regulamentação quanto a regulamentação consciente. Um dos entrevistados destacou que na escola, a classificação do uso dos dispositivos foi pactuada com alunos e famílias, resultando em melhorias no desempenho acadêmico e na dinâmica das aulas. Outros, no entanto, enfatizaram a necessidade de



trabalhar a conscientização dos alunos para o uso pedagógico do celular, aproveitando seu potencial como ferramenta educativa, como Tapscott (1999) citou em uma das suas obras "Ensinar os jovens a usar a tecnologia de forma consciente e crítica é tão importante quanto alfabetizá-los no mundo digital."

Por fim, foi ressaltado o desafio de garantir a inclusão de todos os estudantes nesse contexto, considerando que nem todos possuem acesso a celulares ou à internet, o que pode gerar desigualdades e limitar a eficácia de atividades baseadas em tecnologia. Esses pontos refletem a complexidade de equilibrar a inovação pedagógica com questões de acessibilidade e disciplina.

A pesquisa incluiu uma seção destinada a medir o nível de concordância dos participantes em relação a diferentes afirmações sobre o uso de celulares em sala de aula. Essa abordagem permitiu avaliar percepções e posicionamentos de forma quantitativa, a partir de cinco questões, utilizando uma escala que variava de "péssimo" a "muito satisfatório". Por meio dessa metodologia, foi possível identificar tendências nas opiniões dos respondentes, destacando os aspectos mais controversos e aqueles que geraram maior consenso. Os dados obtidos fornecem uma visão ampla sobre as diferentes perspectivas dos professores, possibilitando uma análise detalhada das dificuldades, benefícios e implicações associadas ao uso de dispositivos móveis no contexto educacional.

O consenso geral entre os entrevistados é a necessidade de estabelecer diretrizes claras que orientem o uso pedagógico e limitem os impactos negativos dos celulares em sala de aula. Assim, sugerindo a gestores educacionais e suas escolas priorizem a criação de políticas claras e adaptadas à realidade das instituições, além de promover a estabilidade entre metodologias com inovações tecnológicas e as práticas pedagógicas tradicionais, destacando - se a importância do envolvimento de professores, alunos, famílias e demais comunidade escolar nesse processo para a garantia de um processo eficaz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, a análise dos dados e das opiniões coletadas evidencia uma crescente preocupação com o impacto dos celulares no ambiente escolar, tanto em termos de distração quanto ao potencial como ferramentas pedagógicas. Apesar de participantes apontarem os celulares como a fonte principal de dispersão, especialmente em relação à concentração e organização, também há um consenso de que, quando regulamentados de maneira eficaz, esses dispositivos podem ser utilizados de forma construtivista no processo educacional.



Conforme mencionado por Barton e Lee (2015), a tecnologia desempenha um papel central na globalização, afetando diversos aspectos da vida, incluindo a educação. Contudo, para que o uso de celulares seja realmente benéfico no contexto escolar, é necessário que os professores adotem uma abordagem reflexiva e estratégica, equilibrando as possibilidades educativas das novas tecnologias com a necessidade de manter o foco e a interação social.

Além disso, a regulamentação do uso de celulares nas escolas se apresenta como uma medida que pode contribuir para a criação de um ambiente de aprendizado mais controlado e produtivo. A busca por um equilíbrio entre as vantagens da informatização e a preservação das dinâmicas de ensino presencial é fundamental para o desenvolvimento integral dos alunos e a melhoria da qualidade educacional. Em suma, a implementação de normas claras para o uso de celulares nas escolas não deve ser vista apenas como uma forma de restringir, mas como uma oportunidade para potencializar o aprendizado dos alunos, respeitando os limites de cada contexto educacional e promovendo uma educação mais conectada e consciente.

REFERÊNCIAS

ANTONIO, José. C. Uso pedagógico do telefone móvel (Celular). Professor Digital, SBO, jan. 2010. Disponível em: <http://professordigital.wordpress.com/2010/01/13/uso-pedagogico-do-telefone-movelcelular/>

BARTON, D.; LEE, C. Linguagem online: textos e práticas digitais. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BRASIL. Projeto de Lei no 2.806, de 2015. Dispõe sobre o uso de aparelhos eletrônicos em sala de aula no âmbito do ensino básico. Câmara dos Deputados, Brasília, DF, 2015. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=952567&filename=Avulso%20PL%202806/2011>. Acesso em: 3 dez. 2024.

Celular na escola: vantagens e desvantagens. Árvore, 2024. Acesso em: 07 dez.2024. Disponível em: <https://www.arvore.com.br/blog/celular-na-escola>

CORTELLA, Mário Sérgio. Educação, Escola e Docência: novos tempos, novas atitudes. São Paulo: Cortez, 2014. Disponível em: Educação, Escola e Docência - Mario Sergio Cortella.pdf

COSCARELLI, C. et al. Tecnologias para aprender. 1. ed. São Paulo: Parábola,2016.

COSTA, G. S. Mobile Learning: explorando potencialidades com o uso do celular no ensino aprendizagem de língua inglesa como língua estrangeira com alunos da escola pública. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Pernambuco.Recife-PE, 2013.



DA FONSECA, Ana Graciela Mendes Fernandes. Aprendizagem, mobilidade e convergência: mobile learning com celulares e smartphones. *Mídia e Cotidiano*, v.2, n. 2, p. 265-283, 2013. Disponível em:

<https://pdfs.semanticscholar.org/b78a/c5426b1e8cb52b14af998a062db2b2177a97.pdf>

DE PAULA, Catarina Tinoco; DA SILVA MELO, Anderson. IMPACTOS DO USO EXCESSIVO DE CELULAR EM SALA DE AULA: UM ESTUDO INTERDISCIPLINAR. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/112745>>

FERREIRA, Jorge Brantes; SILVA, Jorge Ferreira da; CAMPOS, Helga; CARVALHO, Maria Luíza A. de; SABINO, Angilberto; SACCOL, Amarolinda; SCHLEMMER, Eliane. A disseminação da aprendizagem com mobilidade(M-learning). *DataGramZero: Rio de Janeiro*, v. 13, n. 4, ago. 2012. Disponível em: http://www.dgz.org.br/ago12/Art_02.htmCARVALHO, Maria Luíza A. de; SABINO, Angilberto; SACCOL, Amarolinda;

FEDOCE, Rosângela. S; SQUIRRA, Sebastião. C. A tecnologia móvel e os potenciais da comunicação na educação. *LOGOS 35 Mediações sonoras*: v.18, n.2, 2011. Disponível em: http://www.logos.uerj.br/PDFS/35/20_logos35_tema_livre_squirra.pdf

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. *Sobre educação: diálogos*. v. II. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, (1996). (coleção Leitura)

GADELHA, Vera Célia; DE SOUSA, Reudismam Rolim. Uma revisão sistemática sobre cyberbullying nas escolas. *RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar-ISSN 2675-6218*, v. 5, n. 9, p. e595650-e595650, 2024. <https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/5650>

GROSSI, Márcia Gorett Ribeiro; DA COSTA, José Wilson; DOS SANTOS, Ademir José. A exclusão digital: o reflexo da desigualdade social no Brasil. *Nuances: estudos sobre Educação*, v. 24, n. 2, p. 68-85, 2013. <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/2480/2225>

GUZZO, Raquel Souza Lobo; EUZÉBIOS FILHO, Antônio. Desigualdade social e sistema educacional brasileiro: a urgência da educação emancipadora. *Escritos sobre Educação*, v. 4, n. 2, p. 39-48, 2005. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-98432005000200005&script=sci_arttext

LOPES, Priscila Almeida; PIMENTA, Cintia Cerqueira Cunha. O uso do celular em sala de aula como ferramenta pedagógica: Benefícios e desafios. *Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica*, Recife, v. 3, n. 1, p. 52-66, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/cadernoscap/article/view/229430/28802>

OLIVEIRA, M. *Vygotsky aprendizado e desenvolvimento: Um processosócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 1993.

PINHEIRO, E. G. (2000). CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1. *Informação & Sociedade*, 10(2). Recuperado de <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/33>



RODRIGUES, Francisco S.; SEGUNDO, Geny Lucia S.; RIBEIRO, Lissiane Maria da S. O uso do celular na sala de aula e a legislação vigente no Brasil. In: Congresso sobre Tecnologias na Educação. 2018. https://ceur-ws.org/Vol-2185/CtrlE_2018_paper_32.pdf

SANTOS, S. E. Desigualdade social e inclusão digital no Brasil. 2006.228f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006

SILVA, B. V. V. et al. Cyberbullying e seus reflexos na saúde mental e social de jovens adolescentes. Revista Contemporânea, v. 3, n. 11, p. 23763–23783, 2023

SPAGNOLO, G. Ações concretas de inclusão digital. 2003. Disponível em: <http://www.softwarelivre.org/news/1438>.

TAPSCOTT, Dan. Geração Digital: A Crescente e Irreversível Ascensão da Geração Net. São Paulo: Makron Books, 1999.

TAROUCO, Liane. M. R. et al. Objetos de Aprendizagem para M-Learning. Florianópolis: SUCESU - Congresso Nacional de Tecnologia da Informação e Comunicação, 2004. Disponível em: <http://www.cinted.ufrgs.br/CESTA/objetosdeaprendizagem_sucesu.pdf>.

TEIXEIRA, Ellen Dean Ribeiro; SILVA, Rosana Roriz Carneiro; KOHLS-SANTOS, Pricila. Mobile Learning e as possibilidades pedagógicas em sala de aula. Humanidades & Inovação, v. 9, n. 6, p.67-82, 2022. <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/6923>

